



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **UM EXÉRCITO DE “ANJAS”**

**Marcos Roberto Inhauser**

Se você tem um pouco de sensibilidade e quer ter um momento de emoção e de revitalização da fé no ser humano, vá ao Cândido Ferreira. Nos últimos tempos, por uma questão de saúde em pessoa da família, tenho estado duas vezes por dia no Hospital e acompanhado de perto o trabalho que ali se desenvolve sob o conceito de deshospitalização do enfermo mental.

Eu já tinha conhecimento do trabalho, seja pela minha amizade com o Dr. William Valentini, seja pelas conversas que mantivemos com outros psiquiatras quando juntos participamos de projeto da Organização Pan-Americana da Saúde, ou pelas reportagens na mídia local sobre o fato do Cândido Ferreira ser hoje referência nacional no projeto de deshospitalização.

No entanto, por mais que se saiba e que se leia, nada substitui o contato in-loco com os pacientes e profissionais da saúde que ali estão. É um ambiente onde os enfermos são tratados com toda a dignidade, no que pese as limitações que a enfermidade impõe, onde os direitos humanos são respeitados, onde a vontade própria é levada em consideração, onde cada um é estimulado a desenvolver atividades físicas, a trabalhar e produzir. Cada qual escolhe o que mais gosta de fazer, as monitoras e monitores acompanham o desenvolvimento do trabalho assessorando e ensinando, e cada peça produzida é exposta para a venda, cujo produto reverte em benefício do próprio paciente. São bordados, mosaicos, fuxicos, quadros, artesanatos, culinária, agricultura, papel reciclado, marcenaria, etc.

No processo, a socialização dos pacientes merece destaque, uma vez que, em muitos dos casos, a enfermidade leva a pessoa a um processo de isolamento, seja pela natureza da própria enfermidade, ou pela consciência de que tem um problema, redundando em uma baixa autoestima. Ao estimular um trabalho socializado e cooperativo, a interação entre eles, onde uns ajudam aos outros, oferece possibilidade de resgatar a autoestima perdida, a socialização debilitada é fortalecida pela conversa com outras pessoas e pela assistência prestada pelos profissionais. Tudo isto faz do Cândido Ferreira um espaço de declaração de fé no ser humano.

Não bastasse isto, pude ver e sentir o carinho com que as profissionais que ali trabalham cuidam e tratam dos pacientes. Pude sentir, naquelas com as quais tive o contato mais direto, que ali estão não só pelo emprego e salário, mas pelo amor que têm pelo ser humano e pelo desejo de ajudar ao próximo. Especificamente, me refiro às “anjas” Miriam, Fátima, Juliana e Gal. O carinho que demonstram no trato com os pacientes, o amor que têm pelo seu trabalho e pelos que sob seus cuidados estão, a paciência em lidar com quadros compulsivos e maníacos, me dá a certeza de que, mais do que seres humanos, estas quatro (e com certeza há muitas outras e outros no Cândido Ferreira) são mais que humanos: tem um quê de angelical.

Se você duvida, vá e confira in loco. Garanto que você sai de lá transformado e revitalizado na fé no ser humano.